

## NA TERRA NEGRA

Paulo Edson Alves Filho\*

\* Dr. pela USP/SP. Docente da Universidade de Sorocaba. Rod. Raposo Tavares, km 92,5 CEP 18023-000 – Sorocaba, SP, Brasil. E-mail: paulo.alves@prof.uniso.br

O dia amanheceu belo em Domodedovo, subúrbio de Moscou. Na linha do horizonte, o fim da grande avenida que parte do aeroporto. Um céu azul profundo. Estamos a caminho de Voronej, a quinhentos quilômetros ao sul da capital russa. Nas próximas duas semanas lecionarei para todas as turmas do curso de Relações Internacionais da Universidade Estatal daquela cidade, uma das maiores instituições de ensino da Federação Russa.

Meu russo é terrível: confundo o verbo comprar (*kupity*) com fumar (*kuryti*). Tento descobrir onde é permitido fumar no aeroporto e a vendedora do quiosque, impaciente, mostra todas as marcas de cigarro à venda. Contenho a vontade de rir de meu conhecimento precário da língua, e continuo bem humorado, mesmo após as vinte e duas horas de viagem do Brasil. Ainda temos oito de espera para chegarmos a nosso destino.

Voronej é capital da *Chernozem oblast* (região da terra negra). É assim conhecida devido a seu solo fértil, excelente para as plantações de beterraba branca (matéria-prima para o açúcar russo).

Fico, mentalmente, montando o quebra-cabeça verbal da próxima frase que arriscarei na língua nativa: "quero uma passagem de ida e volta para Voronej, a tal horas".

O inglês é inútil no aeroporto internacional de Moscou. Até pouco tempo, apenas atendia voos domésticos. Arrisco exercitar minha pergunta sobre as passagens em russo com uma moça – com fortes traços de origem árabe - ao meu lado. Interrompo sua conversa animada com uma colega. Ela entende o que digo, mas eu não entendo sua resposta. Ela olha para a amiga e, em voz alta e rindo, também pede ajuda. Percebo imediatamente uma característica dos russos: são autênticos e acham estrangeiros divertidos quando tentamos nos expressar na língua deles. Forasteiros tímidos devem se sentir constrangidos com os olhares que lançam. Mas, paradoxalmente, os próprios russos são muito tímidos.

No voo Londres – Moscou, sentei-me ao lado de um jovem casal da capital russa, Anton e Olga. Tomei a iniciativa de conversar com eles. Anton, apesar de dizer-me inicialmente que tinha um inglês ruim (frase que você ouve de todos os russos, mesmo dos que têm fluência), domina muito bem a língua. Trabalha em Byisk, em uma fábrica de óleo de girassol, na parte central da Rússia, e voltava de um curso de duas semanas na Inglaterra.

“Não entendo mais que vinte por cento do que os falantes nativos de inglês falam”, diz em voz baixa, com o olhar calmo e aparentando estar feliz por estar conversando comigo. Olga, sua esposa, mostra-se simpática e sorri.

Perguntei se poderia ler-lhes parte do texto em russo que havia preparado junto a minha professora no Brasil para os alunos da Universidade de Voronej.

Com a maior paciência do mundo, ele não só me ajudou muito por mais de uma hora, como sugeriu algumas frases adicionais. Entre uma frase e outra, me contou sobre sua vida e seu trabalho na Rússia.

Despedimo-nos no saguão de retirada de bagagem, mesmo local em que um daguestanês se explodiu em março passado. O Cáucaso se manifesta, vez ou outra, em Moscou, com atentados terroristas.

Eu e o Maurício Micheletti, meu companheiro de viagem, fomos até o balcão de passagens. Com papel, caneta e paciência da vendedora, consegui explicar nosso desejo de comprar passagens de ida e volta a Voronej.

Embarcamos: um bimotor com capacidade para 60 pessoas, que voa baixo. O dia ensolarado e quente (para os padrões russos) tornou a viagem, de uma hora, tranquila. A aeromoça nos serviu uma bala enorme, que levaria toda a viagem para ser degustada. Impossível chupá-la inteira.

Ao redor do pequeno aeroporto de Voronej, a natureza é soberana e fica ainda mais bonita com o azul intenso do céu. No pátio adjacente, uma bela cena de caminhões e equipamentos antigos da era soviética ainda em uso. Os cipestres, alinhados, completavam a paisagem com seu verde denso: é o coração da Rússia.

Sasha, funcionário da Universidade, vai nos buscar no aeroporto. Já dentro do carro, percebo que o cenário continua impressionante na estrada que leva até a cidade, ladeada de árvores.

“Agora, no outono, o verde fica amarelo de um dia para outro”, diz.

Em poucos minutos, a estrada se transforma em uma larga avenida e estamos no subúrbio da cidade. “O problema aqui são as ruas esburacadas”, reclama Sasha. “Aqui”, diz apontando para um enorme Shopping Center, “era um floresta quando eu era criança”. Pelos seus vinte e tantos anos, é fácil perceber o quão drasticamente a Rússia deve ter mudado nas últimas duas décadas. “Hoje nos espelhamos na Europa e América. Queremos não só fazer como eles fazem, mas também, fazer melhor.”

Sem que percebamos, chegamos ao centro de Voronej, cidade de quase um milhão de habitantes. A avenida, congestionada por carros novos e velhos, corta um cenário, que apesar de diferente na estética, é similar em organização no Brasil: o velho, o novo, o enferrujado e o moderno. Carros e caminhões da *Perestroika* ladeados por Mercedes e Audis. Uma matilha de cães gordos de rua aproveitando o resto de sol no canteiro central. Tudo ao mesmo tempo.

Sasha, em seu BMW, volta a reclamar:

“Essas ruas são terríveis. As peças da suspensão são de alumínio” – enquanto cruza cuidadosamente trilhos de trem, agora desativados, para deixar-nos no hotel.

Da janela de nosso flat – recém-construído, com Jacuzzi, Internet, carpete e móveis novos – podemos ver no outro lado da rua, as casas e prédios baixos da época do comunismo, com seus rebocos trincados, ferragens expostas e enferrujadas. *Ladas*, amassados e sujos, estacionados entre as velhas e belas árvores que disputam espaço com as construções. Diferentemente do descaso típico dos brasileiros, os russos não tem costume de derrubá-las. “Nós, povo da selva, odiamos árvores”, penso.

Na recepção do hotel, um senhor icônico, quase personagem do clássico russo *Encouraçado Potenkin* de Eisenstein, nos fita impassível.

Em menos de uma hora instalados, Vita Lesina – ex-estudante da Universidade de Voronej, intercambista na Uniso em 2010 e a primeira universitária a utilizar a nossa parceria com a universidade russa – vem nos encontrar. É muito bom ver um rosto familiar em meio a tantas paisagens novas.

Saímos para uma caminhada na avenida *Moskoviskii* para conhecer a vizinhança. Está a trezentos metros e é uma das principais da cidade. Nela, após alguns minutos andando, chegamos ao impressionante monumento do Soldado Agonizante: em seu muro principal, que serve como

lápide da cova coletiva, os nomes dos soldados mortos na Segunda Guerra durante a defesa da cidade contra os alemães. É exatamente essa batalha que torna Voronej conhecida em toda a Rússia: a cidade da guerra patriótica.

Em novembro de 1941, o Marechal Timoshenko estabeleceu a frente de batalha a cento e vinte quilômetros a oeste da cidade. A partir de junho do ano seguinte, Voronej foi duramente atacada pela força aérea alemã e trinta e dois mil habitantes foram mortos. Durante os anos posteriores ao fim da guerra, a reconstrução da cidade foi rápida. Entretanto, o prédio do então hospital militar, localizado na margem norte, foi deixado em ruínas após ser destruído pelas bombas dos alemães. Lembrança imponente daqueles dias difíceis.

Entre 1941 e 1943, os alemães controlaram a margem norte do rio Voronej (onde estão a Universidade e o nosso hotel). Do outro lado, os russos tentaram manter uma penosa defesa, destruindo três das quatro pontes que cruzavam o rio. Pela única que ficou em pé, os nazistas tentaram avançar, mas sem sucesso. A margem tomada pelos alemães, por ser mais alta do que a sul, fez com que os russos se tornassem alvos fáceis dos nazistas. Voronej teve noventa por cento de sua *urbis* bombardeada.

Entramos na loja da grande operadora de celular *Megafon* para comprarmos um aparelho. A vendedora mostrou-se descrente quando Vita disse-lhe que éramos brasileiros. Uma questão de estereótipo: os poucos brasileiros que conhecia eram jogadores afrodescendentes.

No dia seguinte, antes de nossa primeira reunião com a reitoria da Universidade, fomos a uma bela paragem, no alto de uma colina na margem que havia sido tomada pelos alemães na guerra. Lá, uma igreja ortodoxa recém-reformada fazia-se majestosa no cenário espetacular. A ponte moderna e os prédios arrojados que avistamos na margem sul são a cara da nova Rússia.

Não distante, blocos novíssimos com apartamentos pequenos. Sasha nos diz que o valor de cada um deles pode chegar a dois milhões de rublos (um pouco mais de cem mil reais, em cálculo grosseiro); muito barato em comparação com a moeda brasileira inflacionada. Uma passagem de ônibus urbano sai por doze centavos de real; uma refeição razoável em um bom restaurante, por dez reais. É assim também com os salários: alguns até quatro vezes menores dos equivalentes no Brasil.

Um dia antes de nossa chegada, a cidade comemorou seus 425 anos de fundação, marcada pela construção de um forte durante o império do czar Fiodor I. Tinha como função deter os

ataques constantes dos tártaros. No fim do século XVII, sob o governo do czar Pedro, Voronej teve papel importante na industrial naval russa, abrigando o maior estaleiro da nação. O próprio czar visitou a cidade treze vezes durante seu governo. Entretanto, a história da região anterior aos czares está bem documentada no museu histórico da Universidade, com artefatos – lanças, adornos, escudos - que datam séculos antes de Cristo. Viktor, curador do museu, nos diz que a menos de um quilômetro de lá existe um sítio arqueológico no qual diversas moradias primitivas – tocas escavadas na terra – estão relativamente intactas. Nos dias seguintes, perguntei a várias pessoas se sabiam onde era esse local. Ninguém conhecia.

Continuei impressionado com a vegetação exuberante da cidade. A cidade é incrustada no verde.

Foram dias excepcionais e atribulados: estávamos tomados diariamente pelas palestras sobre economia, história e industrialização do Brasil aos afoitos e interessados alunos da Universidade e pelo curso intensivo de russo que a escola nos ofereceu. Ao final da tarde e noite, invariavelmente, alunos e professores nos acompanhavam em passeios pela cidade.

Em uma tarde extraordinária, andamos pela praça central forrada de folhas amarelas do outono vindouro. Em outra, um café com mais de quinze alunos. Foram nesses momentos que conseguíamos ter a impressão mais genuína daquele povo, quando nos contavam sobre suas vidas, aspirações e preocupações.

Aleksey reclamava que Medvedev deveria destinar mais fundos ao Exército, especialmente devido à suposta ameaça da China em tomar parte do território russo; pensamento emblemático da herança soviética. Comentei que a China está não só tomando a Rússia, como vários outros países do mundo. Entretanto, não por dominação territorial, mas sim com seus produtos baratos, frutos da semi-escravidão de sua mão-de-obra farta.

Liuda reclamava do péssimo sistema de saúde e educacional do país, enquanto Anton me falava que os microempresários não têm nenhum incentivo do governo.

O jovem administrava com seu pai uma pequena empresa de reciclagem. Disse-lhe que, ao meu ver, eles teriam muitas oportunidades para que seus negócios crescessem na nova Rússia: praticamente nada é reciclado no país. Alumínio, plástico, vidro: tudo vai para o lixo. Sentia-me traído quando jogava no cesto do hotel copinhos, latas e papel; um desperdício para um brasileiro acostumado a separar tudo para reciclagem.

Certa manhã, fizemos uma entrevista com o professor Chernishov, do departamento de Geologia. Uma lição de vida: com seus oitenta anos, o professor já recebeu várias condecorações do governo por seu trabalho incansável em mapear toda a formação geológica da Rússia, país com maior extensão territorial do mundo. Foram décadas de trabalho. O incansável Chernishov contou-nos sobre o projeto com olhos brilhantes, iguais a de um egresso de faculdade que consegue seu primeiro emprego. Foi um dia em que entendi com um pouco mais de profundidade o título da música “Forever Young” da banda alemã Alphaville.

Ganhamos um exemplar do seu trabalho enciclopédico, e prometi que o entregaria ao Instituto de Geociência da USP assim que chegasse ao Brasil. Cumpri minha promessa, tirei fotos da entrega do livro e enviei o profundo agradecimento da instituição brasileira por email ao professor.

Depois de doze dias em Voronej, voltamos a Moscou e reencontramos Anton, nosso amigo do voo de Londres, e Aliona, uma querida moscovita que havia conhecido no Brasil meses antes. Foram excelentes anfitriões, com direito a passeios e explicações na Praça Vermelha, nas ruas do centro moderno da capital, na catedral ortodoxa imponente e no museu de Tolstói.

Partimos da Rússia com um sentimento de termos encontrados nossos verdadeiros irmãos do BRICS; e como bons parentes, desejamos revê-los em breve.